

Mapeamento das dificuldades de Ensino da Prática de Análise Linguística em Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura

Mapping the difficulties of Teaching the Practice of Linguistic Analysis in Supervised Internship in Portuguese Language and Literature

Flaviane Fernandes dos Santos¹

Mario Ribeiro Morais Morais²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura proporciona o contato com teorias linguísticas, metodologias de ensino, além de aquisição e desenvolvimento de experiências pedagógicas. No entanto, durante esse processo, a prática de análise linguística tem se mostrado resistente por parte dos(as) licenciandos(as), que priorizam apenas os eixos de leitura, produção de texto e oralidade em microaulas na universidade e regências na escola. Este trabalho busca mapear as dificuldades enfrentadas por estagiários em formação inicial quanto ao uso da análise linguística em atividades de cunho acadêmico e nas regências escolares. Localizada no campo Indisciplinar da Linguística Aplicada, esta pesquisa, de natureza qualitativa, é do tipo estudo de caso, considerado particular e representativo de um conjunto de casos análogos. Como técnica de coleta de dados, utilizou-se um questionário aplicado aos cursistas dos componentes 'Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura I e II, no semestre letivo 2023.1, da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Porto Nacional. Como fundamentação teórica, mobilizou-se estudos no campo do ensino das práticas de linguagens na perspectiva enunciativo-discursiva; dos estudos gramaticais e de análise linguística. Foram identificadas dificuldades que envolvem os seguintes fatores: desconstrução do modelo tradicional; falta de aprofundamento no ensino dessa prática na universidade, a falta de compreensão e entendimento do papel da análise linguística. Tais resultados podem redimensionar as práticas de professores orientadores quanto ao ensino e treinamento de professores em formação inicial no manejo com análise linguística.

Palavras-chaves: estudos gramaticais; análise linguística; estágio supervisionado; dificuldades de ensino.

Abstract: The Supervised Internship in Portuguese Language and Literature provides contact with linguistic theories, teaching methodologies, as well as acquisition and development of pedagogical experiences. However, during this process, the practice of linguistic analysis has been resistant on the part of the undergraduates, who prioritize only the axes of reading, text production and orality in microclasses at the university and conducting at school. This work seeks to map the difficulties faced by trainees in initial training regarding the use of linguistic analysis in academic activities and in school regencies. Located in the Interdisciplinary field of Applied Linguistics, this research, of a qualitative nature, is of the case study type, considered particular and representative of a set of analogous cases. As a data collection technique, we used a questionnaire applied to the students of the components 'Supervised Internship in Portuguese Language and Literature I and II, in the academic semester 2023.1, of the Federal University of Tocantins, Porto Nacional Campus. As a theoretical foundation, studies were mobilized in the field of teaching language practices in the enunciative-discursive perspective; of grammatical studies and linguistic analysis. Difficulties involving the following factors were identified: deconstruction of the traditional model; lack of deepening in the teaching of this practice in the university, the lack of understanding and understanding of the role of linguistic analysis. These results can resize the practices of guiding teachers regarding the teaching and training of teachers in initial training in

¹ Discente do curso de Letras da UFT. E-mail: flaviane.fernandes@mail.uft.edu.br

² Professor do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFT. E-mail: moraismario@uft.edu.br

the management with linguistic analysis.

Keywords: Teaching practices; Linguistic analysis; Supervised internship; Teaching difficulties.

Recebido em 16 de agosto de 2023

Aprovado em 20 de dezembro de 2023.

Introdução

Trabalhando pelo estreitamento entre teoria e prática, o Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura proporciona aos(as) professores(as) em formação inicial, na escola, o contato com professores e estudantes, com o ambiente escolar, com práticas metodológicas e pedagógicas, possibilitando a aquisição e desenvolvimento de experiências com o ensino, nos períodos de observações e regências; e na universidade, o contato com teorias linguísticas, metodologias de ensino, preparação de materiais, documentos curriculares que prescrevem o trabalho do docente, avaliação, planejamento e ministração de (micro)aulas e discussões sobre o ensino e aprendizagem das práticas de linguagens, como a análise linguística, fundada em atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.

Assim, em atividades desenvolvidas no ambiente acadêmico, de cunho preparatório para a atuação dos(as) professores(as) em formação inicial com o ensino das práticas de linguagens na escola no momento das regências, o ensino de análise linguística tem se mostrado resistente por parte desses(as) professores(as), demonstrando interesse em trabalhar apenas com leitura, produção de texto e oralidade.

No entanto, os principais documentos curriculares orientadores do ensino de Língua Portuguesa, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), orientam que as aulas de Português devem contemplar, de forma articulada, os quatro eixos: leitura, produção de texto, oralidade e análise linguística (AL)/semiótica. Durante o estágio I, os acadêmicos realizam atividades (seminários, microaulas) a fim de se prepararem para as regências que se iniciam no estágio II.

Na universidade, o licenciando se depara com uma crítica ao ensino de língua portuguesa parametrizado pela gramática tradicional que, até então, provavelmente, foi o único que teve contato durante toda a sua formação escolar. Só então, nas disciplinas, sobretudo, de abordagens norteadas pela Linguística Aplicada no Curso de Letras, passa a discutir, planejar e ministrar microaulas/regências com foco na perspectiva enunciativo-discursiva, nos estudos gramaticais com ênfase na análise linguística/semiótica, em

contraposição à análise morfosintática descontextualizada, baseada em lista de nomenclaturas e regras para memorizar da gramática normativa. Com isso, nota-se que a abordagem tradicional de ensino não incorpora as disposições descritas e exigidas nos documentos que regulamentam a educação, que apresentam a prática de análise linguística como ponto de costura das práticas de linguagens de leitura, produção de texto e oralidade.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os objetivos da análise linguística visam com que os educandos “constitua um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem e sobre o sistema linguístico relevantes para as práticas de escuta, leitura e produção de textos” (BRASIL, 1998, p. 52).

O ensino de LP, na perspectiva da análise linguística, visa o desenvolvimento de competências linguísticas nos estudantes da educação básica, a partir de práticas dialógicas e integradoras da leitura, produção textual, compreensão e uso de variados gêneros discursivos. Nesse sentido, as propostas e reflexões sobre o ensino de análise linguística na formação inicial de professores de Português, nas disciplinas de estágio supervisionado, ocupam lugar de destaque. Em alinhamento com o que propõe os documentos orientadores do ensino, como os PCNs (BRASIL, 1998) e Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), o estudo e a prática de AL nas microaulas na universidade e nas regências na escola realizadas por estagiários, sob a orientação do professor formador, constituem-se como atividades pedagógicas ricas, portanto indispensáveis.

Este trabalho buscou mapear quais as dificuldades enfrentadas por estudantes em formação inicial quanto ao ensino da prática de análise linguística no Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura I e II. Para tanto, seguimos algumas etapas metodológicas do estudo de caso (GIL, 2017) que consistem em: realizar um levantamento do referencial teórico acerca do tema; aplicar e analisar questionário para identificar quais as principais dificuldades dos alunos; e refletir de que maneira a universidade pode ajudar na quebra desse paradigma, no que se refere ao exercício de análise linguística em microaulas e regências dos estagiários nas escolas.

Além desta introdução, das considerações finais, este artigo está organizado em três seções principais. Na seção *Ensino de gramática e análise sintática tradicional: abordagens prevalentes nas escolas*, apresentamos a ineficiência do modelo tradicional de ensino ainda vigente nas escolas. Na subseção *Análise linguística: conceito e práticas*

contemporâneas de ensino nos estágios supervisionados de Língua Portuguesa e Literatura, conceituamos AL e pontuamos a sua relevância na formação linguística do educando. Por seu turno, na seção *Aparato metodológico do ensino de Análise Linguística: o procedimento e técnica de pesquisa para identificação das dificuldades apresentadas por estagiários*, definimos conceitos, método, técnicas e etapas de tratamento dos dados. Na última seção, intitulada *Análise dos dados*, registramos as dificuldades enfrentadas pelos estagiários em relação ao exercício da análise linguística.

1 Ensino de gramática e análise sintática tradicional: abordagens prevalentes nas escolas

No ensino de língua portuguesa nas escolas da rede básica, ainda predomina uma abordagem da gramática tradicional. Observa-se que a maioria dos professores não leva em consideração que seus alunos já têm uma visão de mundo, simplesmente repassam um conteúdo engessado, não busca desenvolver aulas dinâmicas e produtivas. Como afirma Mendonça (2005, pg. 75), quando se trata de linguagem ela não é uma estrutura concluída e intacta, visto que funciona segundo certas condições de produção dos discursos. O foco maior do professor de língua portuguesa no ensino tradicional é na leitura e produção textual, com exercícios de classificação, identificação e fixação. Lamentavelmente, a realidade do ensino no Brasil ainda é marcada por abordagens da gramática tradicional, talvez, por ser uma aula menos trabalhosa, na qual o professor transmite o conteúdo, as regras e o estudante memoriza com o objetivo de fazer uma prova e ser aprovado para a série seguinte.

Nesse sentido, Araújo, Saiva e Sousa Filho (2011) salientam que esse método de ensino levará o estudante a continuar sendo um mero repetidor de regras, em outras palavras, um usuário fidedigno da gramática normativa. De acordo com Bagno (2009), é provável que essa seja uma das principais causas do fracasso escolar de muitos alunos, devido esse ensino tradicional não cumprir o objetivo de preparar estudantes para produzir textos reflexivos acerca da língua, de maneira coerente.

Araújo, Saiva e Sousa Filho (2011) ainda ressaltam que esses tipos de exercícios mecânicos, essa metodologia aplicada não é adequada porque explora só as nomenclaturas, classes gramaticais, em palavras ou frases isoladas, sem nenhum tipo de reflexão. Assim, nada disso será útil para os discentes se não souberem o que determinada classe de palavras provoca no texto e no uso de recursos linguísticos nas diversas esferas

sociais, que exigem de seus interlocutores o uso integral e dinâmico da língua. Esse embasamento da gramática normativa só será útil se os conceitos servirem para serem aplicados em contextos de uso, diante disso é de suma importância ter um ensino voltado para interseção entre os conteúdos gramaticais e situações práticas da língua.

Com base nesse ensino explícito e descontextualizado, muitos professores, achando que praticam análise linguística nas suas aulas na educação básica, ensinam a gramática de forma contextualizada, limitando-se ao “uso do texto como pretexto, para análise gramaticais convencionais” tendo como centro a norma-padrão de forma transmissiva baseada na exposição, privilegiando: a palavra, frase e o período. (Mendonça, 2005, p.74). O professor leva o texto para a sala de aula, porém fica limitado em destacar partes isoladas para fazer análises gramaticais.

1.1 Análise linguística: conceito e práticas contemporâneas de ensino nos estágios supervisionados de Língua Portuguesa e Literatura

De acordo com Mendonça (2005, p. 74), “a análise linguística seria um meio para os alunos ampliarem suas práticas de letramento, já que auxilia na elaboração de textos orais e escritos dos mais diversos gêneros.” A prática de análise linguística pode ser entendida como uma 'ferramenta' para a leitura, escrita e oralidade, evidenciando os usos reais do texto que vão além da leitura, refletindo também sobre o ensino da língua em uso.

O trabalho com essa prática de linguagem está direcionado à reflexão recorrente e organizada, voltada para a construção de sentidos e/ou para compreensão mais ampla dos usos e dos sistemas linguísticos (Mendonça, 2006). Defendemos que o estudante deve ter em seu currículo estudos gramaticais, contextualizados, considerando as condições de produção dos eventos comunicativos. Assim, a prática pedagógica não será ilhada, com análise e classificação de palavras e sentenças descontextualizadas, cujas práticas favorecem o mutilamento linguístico dos interlocutores, nos usos que fazem da língua, impedindo-os de alcançar seus objetivos, efetivamente, nas interações sociais.

Se o foco da gramática normativa é o ensino de conjunto de regras que devem ser seguidas, com emprego de listas de classificações no quadro, o ponto central da AL é os gêneros textuais como objeto de estudo e o texto como objeto de análise, considerando suas condições de produção, funcionalidades, características discursivas, tema, composição e estilo (BAKHTIN, 2011a).

Segundo Geraldi (2016), a análise linguística auxilia no domínio do gênero discursivo, de acordo com a finalidade enunciativa da situação de interação verbal, e na escolha da linguagem em relação ao gênero. O autor considera que o trabalho do professor deve estar pautado no ensino e na aprendizagem do texto do estudante, priorizando a reflexão sobre a linguagem. As atividades de análise linguística podem empoderá-lo e, com isso, ajudá-lo no percurso de construção subjetiva e social do seu discurso, enquanto interlocutor responsivo (BAKHTIN, 2011). De acordo com Antunes (2003, p. 97) “O estudo da gramática deve ser estimulante, desafiador, instigante, de maneira que se desfaça essa ideia errônea de que estudar a língua é, inevitavelmente, uma tarefa desinteressante, penosa e, quase sempre, adversa”.

Mediante essa concepção, Geraldi (1994) propôs três práticas para o trabalho com o texto: leitura, produção e análise linguística. Dessas práticas, a central, para ele, é a produção de texto, complementada pelas atividades de leitura e de análise linguística. O trabalho com o texto em sala de aula, segundo Geraldi, contrapõe-se tanto à atividade de gramática normativa como atividade meramente descritiva quanto à utilização exclusiva do livro didático em sala de aula, que, segundo ele, assujeita o trabalho do estudante.

As atividades devem ser estimuladas pelo professor-mediador com a finalidade de possibilitar ao educando a operação com e sobre a linguagem. Conforme Mendonça (2006), esse tipo de atividade permite que o estudante compare, transforme, reinvente e reflita acerca desses usos. Em conformidade, Franchi (1988, p.10) defende:

[...] a existência de três atividades com e sobre a língua, as quais influenciaram inúmeras propostas curriculares oficiais: (1) linguística, que faz uso de atividades com o exercício pleno, intencionado em direção a significância da própria linguagem, que ocorre naturalmente no cotidiano do aluno, com sua família e comunidade e somente se reproduz na escola por meio da interação social; (2) epilinguística, essa é a prática consciente do uso da linguagem, com variações dos recursos formais e progressivos, observando os efeitos de sentidos produzidos a partir dos usos das formas gramaticais; e (3) metalinguística, caracterizada com o uso de atividades que procuram falar sobre a língua dando nomes e definindo as categorias linguísticas.

Diante disso, compreendemos que, em uma perspectiva discursiva do ensino de língua portuguesa, como em aulas, reflexões e planejamento de ensino nos estágios supervisionados já realizados na universidade, em orientações e exigências dos usos da AL nas microaulas e nas regências na escola, sairemos do modo tradicional de ensino de gramática, que não leva em consideração os usos reais da língua. Nesse passo, com aulas e atividades que despertem o saber linguístico dos alunos, fazendo-os refletir sobre o uso

da língua, o ensino e a aprendizagem serão mais produtivos, nos quais os estudantes usarão a linguagem de forma consciente, observando os efeitos de sentidos variados produzidos pelos discursos materializados em textos, em recursos e formas gramaticais, o que caracteriza a atividade epilinguística, definida como “[...] prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações (FRANCHI, 1988, p. 36).

No entanto, uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados adequados aos diversos contextos, percebendo as dificuldades entre uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar uma língua, dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso. (GERALDI, 1997, p. 70)

Mendonça et al. (2007, p.28) afirmam que “o funcionamento da língua não se dá em unidades isoladas como fonemas, morfemas ou palavras soltas, mas em unidades maiores: os textos”. A prática de ensino na AL deve explorar o estudo da gramática por meio de textos, auxiliar na escolha dos mecanismos linguísticos para a produção escrita, a seleção de estratégias de interpretação dos discursos (multissemióticos), a prática de oralidade.

O enfoque da AL é no estudo de gramática, que é diferente do ensino, conforme Silva (2011). Abordagem prescrita (regras que devem ser memorizadas, classificadas e seguidas) nas aulas de língua materna caracteriza o ensino de gramática. Já o estudo de gramatical estaria relacionado a:

Atividades didáticas em que o trabalho de mediação do professor leva o aluno a analisar os usos e, conseqüentemente, os efeitos de sentido expressos por elementos linguísticos em situações interativas reais, nas modalidades falada e escrita da língua. O enfoque dos elementos linguísticos em situações de uso pressupõe o texto como unidade de análise. Para essas atividades de estudo de gramática, os modelos semióticos, construídos sócio historicamente, denominados de gêneros textuais, também precisam ser considerados. (SILVA, 2011, p. 18).

Para Silva (2011), o principal objetivo do estudo da língua materna é promover o desenvolvimento da capacidade de comunicação de seus falantes, e o estudo da gramática reúne saberes que podem auxiliar neste processo. O estudo da LP vai além da classificação do ‘certo e errado’ (concepções de linguagem enquanto expressão do pensamento e instrumento de comunicação) engloba um conjunto de práticas sociais atravessadas pela

compreensão da dinamicidade dos textos e da capacidade de leitura, escrita e oralidade de variados textos moldados por gêneros situados em atividades humanas concretas.

2 Aparato metodológico do ensino de Análise Linguística: o procedimento e técnica de pesquisa para identificação das dificuldades apresentadas por estagiários.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva, do tipo estudo de caso, considerado particular e representativo de casos análogos (GIL, 2017). É situada no campo Indisciplinar da Linguística Aplicada, vinculada ao projeto de pesquisa intitulado “Ensino das práticas de linguagens no Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura na perspectiva dialógica”. Como técnica de pesquisa, observados os preceitos éticos, elaboramos um questionário contendo oito (8) perguntas estruturadas, aplicado a vinte e cinco (25) estagiários, sendo treze (13) do Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura I e doze (12) do Estágio II. As perguntas elaboradas demandam o registro por parte dos professores em formação inicial, especialmente, das principais dificuldades enfrentadas em realizar atividades práticas de análise linguística, na Universidade, em microaulas, como momento de treinamento, e nas regências na escola. Outros pontos secundários, mas não menos importantes, como o conceito que eles sabem sobre AL, foram registrados. A análise das respostas, de base interpretativista e discursiva, procura evidenciar esse mapa e trazer inteligibilidade sobre esses problemas que envolvem a linguagem, notadamente, a formação de professores e o ensino de Português na vertente da AL.

O presente estudo foi produzido em três etapas. Na primeira, foi feito um recorte teórico sobre o tema com base nos autores do campo da Linguística Aplicada. Em seguida, para obtenção dos resultados esperados, produziu-se um questionário por meio do google docs com perguntas e respostas discursivas/abertas no qual foi aplicado aos cursistas de Letras/Português, do Câmpus de Porto Nacional.

Por seu turno, na última etapa, analisamos as respostas com fundamento nos autores elencados no recorte teórico. Para fins didáticos, agrupamos as respostas por perguntas em quadros separados.

Para resguardar a identidade dos participantes que colaboraram com essa pesquisa, seus nomes foram substituídos, respectivamente, por respondente e informante. Cada estudante do Estágio I foi nomeado como: Respondente (Resp. 1 ao Resp. 13). E os acadêmicos do Estágio II, foram citados individualmente como Informante (Inf. 01 ao Inf.

13).

3 Análise dos dados

Na sequência, analisamos as respostas apresentadas acerca das dificuldades que os estagiários encontram quanto ao ensino da prática de AL. No quadro 01, evidenciamos as respostas para a primeira questão com foco no conceito de AL.

Quadro 01 - Conceito de AL

1. O que você entende por análise linguística?

Resp. 1: [...] o estudo dos significados existentes em um texto, significados gramaticais, sintáticos, morfológicos e fonéticos. **Resp. 2:** [...] análise textual que leva em consideração o contexto para inferir sentidos. **Resp. 3:** É a prática de buscar problemas em práticas já existentes, analisar e buscar subsídios teóricos em outras áreas para sugerir sugestões para o problema, sempre visando um benefício para a prática e o contexto social. **Resp. 4:** A linguística ela trabalha de forma na qualitativo e quantidade em meio autônomo. **Resp. 5:** [...] pode ser entendida como estudo de língua, a qual envolve analisar o uso da gramática seja ela escrita e oral. **Resp. 6:** Realização de constituintes de uma certa língua com intenção de compreender a fala sobre algo de forma separada, exprime com clareza os significados e os seus funcionamentos, por meio envolve oralidade, produção de texto, leitura e interação. **Resp. 7:** Análise da fala e da escrita segundo a norma padrão. **Resp. 8:** Que se trata dos significados e da compreensão de uma língua. **Resp. 9:** [...] uma prática voltada para a investigação da linguagem como ciência dentro de determinado gênero textual ou discursivo. **Resp. 10:** [...] é uma metodologia que vai estudar mais sobre a construção e conceitos dos textos. Vai dar mais ênfase no uso da língua. [...] vai estudar mais sobre os textos, as escolhas dos autores e os efeitos de sentido das palavras que elas têm. **Resp. 11:** [...] se preocupa em ajudar os alunos a dominar alguns recursos linguísticos e a refletir sobre o uso da língua, da fala, da escrita. **Resp. 12:** É a prática de estudo de uma determinada língua. **Resp. 13:** A análise do estudo da linguagem em seus vários contextos, tanto na forma escrita quanto falada.

Inf. 1: [...] é o estudo das interações sociais, tem por objetivo trabalhar a problematização da linguagem no seu devido contexto social. **Inf. 2:** A prática de uma língua que objetiva compreender significados e seu funcionamento. **Inf. 3:** Uma importante ferramenta para que os alunos dominem alguns recursos linguísticos e reflitam acerca de palavras, expressões, construções, etc. **Inf. 4:** [...] é um das práticas da língua portuguesa que estuda, a gramática, leitura, escrita e oralidade dentro da língua portuguesa que amplia o letramento já trabalhado nas séries anteriores. **Inf. 5:** [...] é uma prática escolar que visa ensinar a língua partindo do texto e não apenas utilizando a metalinguagem da gramática normativa. **Inf. 6:** Uma prática de compreender eixos de língua portuguesa em seus traços e funcionamento. **Inf. 7:** É um campo de ciência que estuda a linguagem, nela veja a estrutura da linguagem, que são as expressões, pode também da enunciação de cada sujeita. O modo de interação de duas pessoas que expressam suas opiniões. **Inf. 8:** É uma alternativa que objetiva estudar a língua em uso a partir de gêneros textuais, portanto, é um estudo contextualizado, em que o texto não é tido como pretexto para o ensino de gramática. E a sua abordagem propõe que esse estudo inicie com atividades que permitam o aluno refletir sobre o uso da língua, para só depois adentrar com as atividades centradas em normas gramaticais. Dessa forma, o aluno consegue visualizar a importância das aulas de Língua Portuguesa para o próprio convívio social. **Inf. 9:** Campo que estuda a língua é gramática. **Inf. 10:** Um eixo de análise do funcionamento da língua. **Inf. 11:** [...] estuda a linguística diferentes sons linguísticos ou diferenças fonéticas ela trata do uso da linguagem. **Inf. 12:** É o estudo da língua em prática social.

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Nota-se que a dificuldade de alguns licenciandos a respeito da análise linguística se materializa na construção do conceito de AL. O respondente 3 confundiu uma das funções da Linguística Aplicada (LA) com a análise linguística (AL) e o 4 que não

conseguiu defini-la. Os demais compreendem essa prática pedagógica como o estudo da língua(gem) viabilizando o estudo da gramática de maneira reflexiva tendo o texto como principal unidade de estudo para se entender o funcionamento da língua(gem). No entanto, apenas os respondentes 2, 10, 11, 13 e os informantes 3, 5 e 8 se aproximaram da definição respaldada na visão de Geraldi (1994), Franchi (1988) e Mendonça (2006), que a conceitua como o ensino a língua materna, de operações linguísticas, com o uso de gêneros textuais como unidade de ensino e o texto como objeto de análise, refletindo condições e finalidades das esferas sociais, com atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, estruturadas e ordenadas, trabalhadas de modo reflexivo, contextualizado.

Quadro 02 - Do contato com a AL em componentes curriculares antes dos estágios supervisionados

2. Durante sua participação nos componentes curriculares teóricos, você teve algum contato com práticas de Análise Linguística feita pelos docentes? Houve algum momento em que você precisou apresentar/explicar por meio de uma atividade teórica ou prática o que é e como fazer a Análise Linguística?

Resp. 1: Sim, através de seminários e entregas de atividades teóricas, nas disciplinas de morfologia, fonética. **Resp. 2:** Tive contato, porém sem saber que se tratava de análise linguística, pois não foi mencionado pelo professor. Somente no semestre atual, em contato com matérias que abordaram esse tipo de análise, pude perceber que se tratava de análise linguística. **Resp. 3:** Estou tendo contato inicial com o componente, adentrando na parte teórica ainda. **Resp. 4:** Sim a questão da parte teórica, não consegui me expressar muito bem dentro do contexto a ser analisado. **Resp. 5:** Sim, houve momento em que tivemos que apresentar, onde falamos de algumas formas de trabalhar a análise [...]. **Resp. 6:** Sim, teve momento de expressar sobre o assunto, porém tive dificuldades, mas com orientação do professor e colegas esclareceu a prática e como é a Análise Linguística. **Resp. 7:** Sim, tive contato e em algumas aulas cheguei a falar sobre o assunto. **Resp. 8:** Não, pois começamos a ter contato agora no 5º período. **Resp. 9:** Sim. Sim. **Resp. 10:** Não. **Resp. 11:** Sim. **Resp. 12:** Sim. Que eu lembro, não. **Resp. 13:** Tive contato com análise, fiz em grupo a análise do livro didático, onde trabalhamos como o texto era abordado no livro didático.

Inf. 1: Sim, trabalhamos com a análise linguística no 5º e agora no 6º Período no primeiro contato ficamos assustados, mas é uma disciplina que ajuda muito na compreensão dos conteúdos. **Inf. 2:** Não. **Inf. 3:** Sim, foi necessário. **Inf. 4:** Além da microaula elaborada e apresentada por nós no componente de Estágio Supervisionado II, não trabalhamos teoricamente sobre a análise linguística em algumas disciplinas. Mas explicar e apresentar não, e como fazer!. **Inf. 5:** Sim, durante o componente curricular de Linguística Aplicada e durante a reescrita de alguns trabalhos. Quanto a apresentar, nunca apresentei. **Inf. 6:** Sim. **Inf. 7:** Através do seminário consegui interpretar o conceito da enunciação de corrigir a forma de falar, esse é principal objetivo de análise linguística de dominar a língua, ter essa aproximação com a língua. [...] tive experiência com a prática de análise linguística. **Inf. 8:** O contato de forma mais detalhada com a análise linguística se deu no componente curricular de Linguística Aplicada, em que discutimos textos em sala de aula e elaboramos Plano de Aula. **Inf. 9:** Sim. **Inf. 10:** Durante o componente curricular de Linguística Aplicada, senão me engano por meio de um trabalho de seminário. **Inf. 11:** Sim. Teve várias teorias em sala de aula ministradas pela professora Ângela Fuza. Fizemos resenhas e várias outras atividades relacionadas a LA. **Inf. 12:** Não.

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Alguns componentes curriculares que antecedem os Estágios Supervisionados, tais como *Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa, Morfologia do Português e*

Linguística Aplicada ao Ensino de Língua desenvolvem atividades práticas de Análise Linguística. Porém, provavelmente, pelo motivo citado pelo respondente 2, pode ser que o estudante tenha executado esse eixo de aprendizagem sem ter ciência da sua denominação ou a AL foi citada com pouca frequência, resultando no esquecimento. Supomos que esse fato influenciou a resposta negativa dos respondentes 8, 10 e 12, bem como dos informantes 2, 4 e 12. Além disso, fica evidente que o respondente 7 ainda tem uma compreensão equivocada do objetivo da AL, pois diferente do que ele afirma, não há fala ‘errada’, mas sim inadequada para alguns contextos.

Para Mendonça (2005), é por meio da AL que se desenvolve o letramento. Mas para isso, é necessário que o estudante associe a teoria vista em componentes curriculares anteriores aos estágios com a prática em sala de aula, pois assim não só compreenderá o que é AL, como terá segurança para colocá-la em prática nas regências.

Quadro 03 - Da suficiência das atividades de AL nos componentes curriculares anteriores aos estágios

3. As atividades práticas de análise linguística propostas em componente(s) curricular(es), que antecedem o Estágio Supervisionado, foram suficientes para que você entendesse o objetivo dessa proposta e como realizá-la com maior propriedade?

Resp. 1: [...] apesar de termos feito alguns trabalhos nesse sentido, ainda não me sinto apta a realizá-lo com propriedade. **Resp. 2:** Não, porque tive contato, porém sem saber que se tratava de análise linguística, pois não foi mencionado pelo professor. **Resp. 3:** Ainda não estou totalmente apta no domínio do componente. **Resp. 4:** O principal motivo para o estagiário é analisar o contexto social, conforme a norma padrão da linguística. **Resp. 5:** Não, na aula mesmo não. Porém consegui compreender em outra disciplina, porque tinha texto para podermos interagir [...]. **Resp. 6:** Sim. **Resp. 7:** Acredito que não, pois ainda enfrento algumas dificuldades. **Resp. 8:** Sim. **Resp. 9:** Não posso responder com precisão. **Resp. 10:** Não. **Resp. 11:** Não. **Resp. 12:** Ainda não. **Resp. 13:** Não, visto que tive pouco contato com a mesma.

Inf. 1: Sim, foi eficaz a professor responsável trouxe vários conceitos junto com exemplos para que ficassem mais claro[...]. **Inf. 2:** Não. **Inf. 3:** Mais ou menos, estou no caminho. **Inf. 4:** Sim. **Inf. 5:** Não. **Inf. 6:** Sim, no processo de leitura, durante as discussões possibilitando a reflexão sobre as práticas em sala de aula. **Inf. 7:** A prática de análise linguística, é um objetivo de tornar o docente aprimorado no conceito da enunciação de língua portuguesa. **Inf. 8:** Não foi suficiente, porque o único componente curricular que tratou esse assunto com maior ênfase foi a Linguística Aplicada, mas como boa parte da carga horária estava destinada a teoria, tivemos poucas atividades práticas. **Inf. 9:** Não. **Inf. 10:** [...] tempo foi corrido e não foi possível trabalhar mais detalhadamente a análise linguística que é um eixo um tanto complexo, tendo isso em vista creio que tenho uma preocupação e instabilidade quando o assunto é ministrar uma aula de análise linguística. **Inf. 11:** Não. Ainda estou tentando entender [...]. **Inf. 12:** Acredito que não foi o suficiente para realizá-la com propriedade por conta do pouco tempo e por ser bem abrangente, mas o componente curricular foi sim ministrado de maneira que contribuiu para nosso aprendizado, possibilitando entender seu objetivo.

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Os respondentes 6, 8 e os informantes 1, 4 e 6 consideram que as atividades práticas desempenhadas durante componentes curriculares que antecedem os estágios foram suficientes para se sentirem seguros na aplicação da AL. Já os demais respondentes e informantes ainda se sentem inseguros, devido ao quantitativo reduzido de atividades

práticas nesses componentes. Entendemos que a carga horária prática das disciplinas, especialmente aquelas voltadas para o ensino de aspectos da gramática (Morfologia do Português, Sintaxe, Fonética e Fonologia do Português, Linguística Aplicada ao Português), pode não conseguir abarcar um rol de atividades que permitam assimilar o conteúdo com propriedade, pois depende da cooperação da turma, principalmente, na leitura prévia dos textos.

Nesse sentido, Silva e Pereira (2016, p.153) pontuam que “[...] o estágio supervisionado é um instrumento catalisador da prática pedagógica a partir de sua articulação com as demais disciplinas da matriz curricular da licenciatura”. Isto é, a preparação para as regências nas escolas ocorre desde o início da jornada acadêmica.

Quadro 04 - Dificuldades encontradas nas tarefas de estágio sobre AL

4. Quais são as dificuldades/desafios que você enfrenta nas tarefas de apresentação de seminários, ministração de microaulas na universidade e/ou regências na escola sobre análise linguística?

Resp. 1: Insegurança, inexperiência, falta de conhecimento necessário para realização de tais atividades.

Resp. 2: Nenhuma. Minha dificuldade é no campo de elaboração de plano de aula. **Resp. 3:** Falta de compreensão da prática, entendo a teoria mas não consigo aplicar com eficácia na prática. [...] confundir a linguística com a análise linguística. **Resp. 4:** A minha principal dificuldade para apresentar o seminário é quando eu não entendo o texto [...]. **Resp. 5:** Em compreender o sentido do que está sendo proposto, principalmente a gramática, falta de revisão. **Resp. 6:** Ter a segurança da compreensão que esteja certa para ministração [...]. **Resp. 7:** [...] sinto que às vezes é complicado explicar algo que eu não tenho domínio total. **Resp. 8:** O fato de eu ser ansiosa me atrapalha muito nos meus afazeres, fazendo com que eu não tenha tanto foco. O fato de eu ter dificuldade em absorver os conteúdos também me deixa bem atrás dos meus colegas e fico constrangida de falar que não consegui absorver o conteúdo. **Resp. 9:** [...] encontro dificuldade em tratar a linguagem como objeto também científico. **Resp. 10:** O pouco conhecimento e práticas sobre o mesmo. **Resp. 11:** [...] entender o papel da análise linguística. **Resp. 12:** Fico muito nervosa, com medo de fazer algo errado, às vezes não consigo explicar o que deve ser explicado, tenho medo de fazer perguntas que o professor não me compreenda. **Resp. 13:** O que dificulta mesmo é a insegurança se alcancei o objetivo proposto pelo professor, se consegui assimilar e compreender o que estudei.

Inf. 1: [...] organizar os conteúdos, e saber como colocá-los em prática; **Inf. 2:** Domínio de conteúdo.

Inf. 3: [...] o nervosismo[...] introduzir a análise linguística nas apresentações, sem se perder durante a apresentação. **Inf. 4:** A insegurança passada para nós, no ensino médio. [...] o que aprendemos na universidade é bem diferente daquilo que aprendemos na escola. [...] deveria ter mais disciplinas que exigem a prática de AL e não apenas teorias. **Inf. 5:** Entender como fazer a análise linguística sem recair no ensino de gramática contextualizado[...]. **Inf. 6:** [...] ter afinidade e compreensão de todo conteúdo para falar ligeiramente sobre o assunto. **Inf. 7:** [...] dominar palavras adequadas dentro do conceito da norma linguística [...] **Inf. 8:** O maior desafio é desconstruir o modelo tradicional de ensino [...], o que gera uma certa insegurança nos momentos de apresentação de trabalhos. **Inf. 9:** É uma área muito complexa, tenho certa dificuldade em transmitir o que eu sei. **Inf. 10:** Tenho receio de não ter conhecimento o suficiente para poder passar adiante.. **Inf. 11:** A execução da aula não me sinto preparada ainda para dar uma aula sobre AL.. **Inf. 12:** Falar com propriedade.

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

A respondente 2 afirma não ter dificuldade em realizar atividades práticas de análise linguística, porém considera difícil a construção do Plano de Aula. Já os demais respondentes e informantes não se consideram preparados para colocar a AL em prática

devido os seguintes fatores: falta de domínio da prática pedagógica, ansiedade, nervosismo, insegurança e dificuldade em desconstruir o modelo tradicional de ensino. Nota-se que todos esses impasses demandam tempo para serem vencidos, o que requer maior contato com atividades práticas de AL para, assim, terem maior segurança no momento da execução.

Nesse sentido, a fala da inf. 5 resume a percepção sobre a AL de muitos estagiários: é necessário dominar, entender como fazer AL na universidade e na sala de aula para não “recair no ensino de gramática contextualizado”. Nesse sentido, segundo Geraldi (2016), é necessário o professor conhecer os mecanismos linguísticos, gramaticais, os elementos micro/macroestruturais dos gêneros textuais, a prática de AL para conduzir o estudante a dominar, minimamente, as práticas de linguagem de leitura, produção textual, conformidade os objetivos pretendidos na abordagem linguística.

Quadro 05 - Ensino de AL é uma tarefa difícil

5. Por que você considera ensinar análise linguística uma tarefa difícil?

Resp. 1: Falta de aprofundamento nesse estudo nas disciplinas ofertadas. **Resp. 2:** Na verdade não considero difícil, até gosto. Mas acredito que as pessoas que sentem dificuldade seja porque estão mais acostumadas com respostas prontas que seguem um modelo [...]. **Resp. 3:** Não considero. Só preciso de mais conhecimento sobre o componente. **Resp. 4:** Eu acho que não, ela abrange muitas coisas que podemos trabalhar dentro da sala de aula. **Resp. 5:** Porque primeiramente você precisa ter uma boa base de conhecimento. **Resp. 6:** De certa forma contém uma difícil maneira de explicar. **Resp. 7:** Não tive contato suficiente ainda, portanto acredito que seja difícil ensinar algo que eu não entenda por completo. **Resp. 8:** Pelo fato de ser um conteúdo complexo e cheio de ramificações. **Resp. 9:** Por ter que tratar a língua/linguagem como um objeto científico, quando estamos habituados a manusear essas a língua/linguagem de forma coloquial. **Resp. 10:** Não diria difícil, e sim complexa de ser estudada. **Resp. 11:** Pois exige maior compreensão tanto na hora de aprender como na hora de ensinar. **Resp. 12:** Eu acho difícil por causa dessa dificuldade que tenho em compreender totalmente. **Resp. 13:** Porque sempre tenho dúvidas se me apropriei mesmo do conteúdo no qual vou abordar.

Inf. 1: Porque [...] é preciso entender o que o texto está dizendo, e conseguir passar aos alunos de uma maneira clara sem ficar preso às estruturas fechadas. **Inf. 2:** Pois investigar a língua, estudar a gramática é difícil. **Inf. 3:** Pela maneira que a análise linguística nos foi passada na escola, é muito difícil quebrar com esse paradigma. **Inf. 4:** [...] um grande desafio a gramática por não ter aprendido como realmente deveria ser no ensino médio. **Inf. 5:** Por falta de referência no ensino regular e até mesmo na universidade. **Inf. 6:** Por exigir um dialeto padrão. **Inf. 7:** Por conta de dominar outra língua, a língua indígena. Maioria das vezes acha difícil realizar tarefa [...]. **Inf. 8:** [...] porque os aportes teóricos enfatizam muito "o que não fazer no ensino de gramática", porém faz se necessário demonstrar com maior clareza o "como fazer" na perspectiva da análise linguística. **Inf. 9:** Por ela ser início de vários estudos e abrir vários campos e dentro análise linguística, e além de existir inúmeros níveis. **Inf. 10:** A linguística é uma área complexa que receio não dominar, devido às complexidades do funcionamento da língua portuguesa. **Inf. 11:** [...] a linguística ainda é um mistério que estou em constante busca para desvendar. **Inf. 12:** porque consideramos o ensino da linguística vago nas escolas e na universidade não temos tanta prática como deveríamos.

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Os respondentes 2, 3 e 4 não consideram que ensinar AL seja uma tarefa difícil, no entanto o resp. 3 afirma que ainda necessita aprofundar nesse eixo para efetivá-lo em

sala de aula. Os demais respondentes e informantes, afirmam que trabalhar com AL é um grande desafio, pois exige maior aprofundamento sobre como realizá-la, já que, primeiramente, é necessário dominá-la, para só então executar com segurança. O fato de considerá-la complexa está relacionado à dificuldade de desconstruir o modelo de ensino tradicional predominante na rede básica de ensino. Isso, de acordo com Bagno (2009), é o responsável pelo insucesso na formação de um estudante autônomo e crítico, capaz de usar a língua efetivamente, em contextos variados.

Para sanar as dificuldades apresentadas, o respondente 1 e o informante 12 destacam que na universidade deve-se ter um contato maior com atividades práticas de AL para que se entenda como executá-la de acordo com a sua finalidade na escola. É importante pontuar que a dificuldade do informante 7 é ainda mais acentuada, devido ser indígena e não ter a Língua Portuguesa como língua materna, fato que exige maior atenção da universidade.

Quadro 06 - Importância da AL nos estágios supervisionados

6. Qual a importância de se trabalhar a análise linguística nas práticas de estágio?

Resp. 1: É importante, pois fará parte das atividades exercidas por mim, como docente. **Resp. 2:** [...] ajuda a desenvolver uma análise crítica e também na forma de ensinar a língua portuguesa e principalmente a gramática. **Resp. 3:** [...] melhorias da prática enquanto professor e discente, pois estaremos sempre atentos a problemas existentes na prática em diversos contextos diferentes [...]. **Resp. 4:** [...] para que possamos contribuir e aprender ao máximo, o nosso desenvolvimento dentro da sala de aula. **Resp. 5:** [...] preparar o acadêmico, para quando ele chegar em sala de aula ter um conhecimento e até estratégia de como trabalhar análise linguística. **Resp. 6:** Ela envolve todas as práticas de linguagens e leva clareza e significado ao contexto que cada um leva. **Resp. 7:** [...] acaba nos preparando para os desafios que serão enfrentados em um futuro breve. **Resp. 8:** Fazer com que os alunos compreendam melhor as práticas de linguagem em seu meio social. **Resp. 9:** Entender que é necessário tratar a língua/linguagem como objeto de estudo científico. **Resp. 10:** [...] levar o aprendiz a conhecer e a usar com eficiência comunicativa, beleza e criatividade todos os recursos que a língua vai nos proporcionar de forma reflexiva [...]. **Resp. 11:** [...] para percebermos as dificuldades que são encontradas em sala de aula, tendo isso em mente temos que procurar sempre refletir e contribuir para o melhor aprendizado do aluno. **Resp. 12:** É importante para minha compreensão e desenvolvimento. **Resp. 13:** [...] para o aluno se desenvolver no ambiente acadêmico e escolar, aprender a analisar a linguagem em qualquer contexto social.

Inf. 1: [...] identificar o sentido das atividades propostas em sala, o seu uso faz com que o aluno seja participativo. **Inf. 2:** [...] contribui para o desenvolvimento. **Inf. 3:** Auxilia muito para nossa formação, pois através da prática no estágio, vai auxiliando para uma melhor compreensão. **Inf. 4:** É muito importante em todos os aspectos, tanto na perda do medo de aplicar a AL, quanto na compreensão, e na criação de ideias futuras de modo como repassar isso para o aluno. **Inf. 5:** [...] por ser uma prática ligada tanto aos eixos de leitura/escuta e oralidade quanto de produção de texto. **Inf. 6:** porque abre-se uma porta de entendimento como funciona o ensino/aprendizagem de língua materna. **Inf. 7:** Como ensinar desenvolver habilidade de escrever, habilidade da oralidade, das práticas de leitura. **Inf. 8:** [...] demonstrará aos alunos e professores em exercício que uma atividade reflexiva contribui para a formação de cidadãos críticos que consigam se comunicar bem [...]. **Inf. 9:** [...] nos capacita a fazer reflexões de cada gênero, suas características e funções perante a linguagem. **Inf. 10:** Para que eu possa ter autonomia e agregar habilidades de como trabalhar esse eixo nas minhas futuras ministrações de aula. **Inf. 11:** [...] mostrar para o aluno esse mundo da comunicação humana de uma forma leve. **Inf. 12:** [...] quebrar o medo e a insegurança de se trabalhar a análise linguística.

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Tanto os respondentes como os informantes acreditam que o trabalho com a AL nos estágios supervisionados auxilia o acadêmico a vencer a insegurança e o medo de colocá-la em prática, trabalhando o gênero textual de forma a despertar o interesse do estudante no estudo de gramática, desenvolvendo, neste, a capacidade crítica e reflexiva nos usos que faz da língua(gem). E a partir desse domínio, que leva tempo para ser construído, os cursistas passam a visualizar essa prática pedagógica como algo prazeroso, que auxilia na formação de estudantes aptos a se comunicarem com clareza em qualquer contexto social.

Os respondentes 6 e 8 destacam que a AL é importante, porque envolve todas as práticas de linguagem (leitura, produção de texto e oralidade) e contribui para as interações sociais críticas. Desse modo, atende-se o proposto por Bakhtin (2011), que é entender a língua(gem) como um campo de reflexão e uso nas esferas sociais e não um meio para se colocar em evidência a gramática normativa.

Quadro 07 - AL é essencial para a formação do professor em formação inicial

7. Mesmo diante das dificuldades em se trabalhar análise linguística, você acredita ser essencial para a sua formação docente? Justifique.

Resp. 1: Sim, pois como poderei trabalhar com meus alunos futuramente algo no qual não domino? [...]

Resp. 2: Sim. Tem me ensinado/ampliado como abordar diversos assuntos dentro do ensino de português.

Resp. 3: Sim, muito. Precisamos estar atentos a melhorias no nosso contexto e prática. **Resp. 4:** [...] é

essencial para minha formação como docente para que possa trabalhar em sala de aula. **Resp. 5:** Sim, pois

é algo que vamos está utilizando durante a nossa carreira como professor. **Resp. 6:** Sim, [...] ela está no

meio de ensino das práticas de linguagens e para deixar em sala de aula o objetivo dos gêneros trabalhado

de forma clara, que o aluno entenda funcionamento, reflexão [...]. **Resp. 7:** Sim, pois é algo que terei que

ensinar futuramente [...]. **Resp. 8:** Sim, pois ela trabalha um todo, a oralidade, a escrita [...]. **Resp. 9:** Sim,

porque através dessa análise é possível compreender os mecanismos dessa ciência e utilizar métodos de

trabalhar possíveis dificuldades de aprendizagem dos discentes. **Resp. 10:** Sim, muito. Pois é a partir da

prática da análise linguística que será aprofundada para o desenvolvimento produtivo da oralidade, leitura

e escrita. **Resp. 11:** Sim, pois [...] é essencial na formação docente [...]. **Resp. 12:** Com certeza. **Resp. 13:**

Sim, é essencial porque [...] vamos tomando posse das várias possibilidades que a linguagem nos

proporciona, onde é estudado a parte linguística, literária e dos gêneros textuais.

Inf. 1: Sim, pois quando aprendemos a trabalhar a conceituação de uma maneira clara, estamos nos

envolvemos na didática proposta pela escola e pela universidade [...]. **Inf. 2:** Sim, pois [...] contribui com o

desenvolvimento da leitura, produção de textos, oralidade. **Inf. 3:** Sim, [...] ela auxilia os alunos em vários

aspectos. **Inf. 4:** Sim, claro. [...] é um modo de expressão crítica, você ensina o aluno a se posicionar

criticamente [...]. **Inf. 5:** Sim, pois me permite a criação de uma práxis em que eu faça realmente uma

análise da língua e da linguagem com meus alunos [...]. **Inf. 6:** Sim, para quando concluir a graduação

consiga explicar sem complicações de fala sobre o conteúdo e sua importância sobre os elementos e

fenômenos linguísticos [...]. **Inf. 7:** [...] acredito que sim, é uma experiência que pode contribuir e partilhar

na escola. **Inf. 8:** Sim, pois é uma forma de despertar o interesse dos alunos para as aulas de Língua

Portuguesa [...]. **Inf. 9:** Sinceramente, fica a meio termo. Em uma sala de aula não vamos chegar ao ponto

de darmos explicações sobre, fonética, morfologia e etc. **Inf. 10:** Com certeza, entender o funcionamento e

traços da língua portuguesa é primordial a um professor de Letras. **Inf. 11:** Sim. Acredito que seja de grande

importância para minha formação como docente. **Inf. 12:** Sim, pois a análise linguística busca investigar a

língua em uso e isso é muito importante, pois a língua está em constante mudança.

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Embora o respondente 12 e o informante 11 não tenham justificado a resposta, e o respondente 9 tenha demonstrado não entender a abrangência do trabalho da AL, observa-se que todos os participantes da pesquisa, mesmo a maioria não tendo apresentado respostas detalhadas, reconhecem a relevância da AL. Isso, porque entendem que essa perspectiva de ensino se sobressai ao ensino de regras, da gramática normativa, como único manual a ser seguido e, ao estarem no exercício da docência, terão a responsabilidade de aplicá-la para atender as recomendações dos documentos oficiais reguladores da educação brasileira, como os PCNs (BRASIL, 1998), a BNCC (BRASIL, 2018), que afirmam a importância do estudante compreender o funcionamento da linguagem a partir de estudos das diversas operações linguísticas, sendo, nesse caso, AL um recurso imprescindível nas práticas de leitura, escrita e escuta escolares.

Quadro 08 - Sugestões de melhorias para a formação do estagiário com fortalecimento no trato da AL

8. Que sugestões você daria para o aperfeiçoamento dos estagiários no trato do ensino da análise linguística? Como o professor orientador do estágio pode contribuir?

Resp. 1: [...] acredito que se nós alunos tivéssemos a oportunidade de ministrarmos na faculdade a aula que iremos reger nas escolas nos traria mais segurança, pois teríamos a oportunidade de fazer as devidas adequações antes de irmos para as escolas. **Resp. 2:** [...] ler mais sobre o assunto, procurar exemplos que elucidem suas dúvidas. O professor orientador poderia abordar cada vez mais o assunto para que os estudantes tivessem cada vez mais contato com esse tipo de análise. **Resp. 3:** Mostrar como é trabalhado na prática, estimular pesquisas no âmbito com orientação, mostrar pesquisas existentes e a contribuição delas para o profissional e para prática social. **Resp. 4:** A orientação que professor deve fazer dentro da sala de aula, para estagiário é se expressar de forma coerente. **Resp. 5:** Trazer texto e quadrinho para exemplificar essa prática [...]. **Resp. 6:** Trazer mais exemplos de atividades em sala de aula e discutir com todos, no entanto, trabalhos diferentes da Análise Linguística. **Resp. 7:** Passando algumas atividades e trabalhos relacionados ao assunto e trazendo propostas de como tornar o ensino da análise mais fácil. **Resp. 8:** não houve resposta registrada do respondente. **Resp. 9:** Mais pesquisas e buscas de bases teóricas sobre o campo. **Resp. 10:** [...] explorar os recursos linguísticos que eles proporcionam, a partir de atividades reflexivas. **Resp. 11:** Acho que trabalhar mais o ensino da análise linguística na prática. **Resp. 12:** [...] um pouco mais de conteúdos sobre análise linguística [...]. **Resp. 13:** A abordagem mais profunda do professor em relação aos conteúdos [...].

Inf. 1: Com mais exemplos. **Inf. 2:** De modo que facilite o entendimento dos mesmo. **Inf. 3:** [...] praticando cada vez mais, as apresentações sobre alguns conteúdos que incluem análise linguística. **Inf. 4:** Exigir mais práticas do discente, e mostrar como isso seria na sala de aula. **Inf. 5:** Creio que antes de fazer com que os estagiários apresentem sobre a AL, seria interessante algumas aulas dadas pelo próprio professor utilizando a AL para que fosse possível compreender o que é e como fazer para que haja, mesmo que minimamente, uma referência de como fazer. **Inf. 6:** [...] explicando de forma clara e objetiva sem procurar falas bonitas [...]. **Inf. 7:** Com conhecimento das práticas da oralidade, acompanhamento é necessário dos alunos [...]. **Inf. 8:** [...] discutir suas dúvidas juntamente com a turma e com o professor [...] selecionar textos introdutórios sobre o assunto. O professor de estágio, só deve avançar o conteúdo quando observar que os alunos entenderam o assunto; discutir textos com uma linguagem mais introdutória; trabalhar atividades que permitam que os alunos visualizem a diferença entre o ensino tradicional e a análise linguística. [...] rever a forma como estão sendo trabalhados, pois são muitas atividades para o mesmo dia, o que resulta na aceleração das apresentações dos seminários e microaulas. Talvez uma roda de discussão em que os alunos tragam as dúvidas para serem discutidas [...]. **Inf. 9:** Outros meios de fazer o estudante absorver o conteúdo. **Inf. 10:** Disponibilizar estratégias para se trabalhar

a análise linguística nas regências. **Inf. 11:** [...] abordar de forma mais profunda AL[...] assim o orientador pode observar as dificuldades de cada um. **Inf. 12:** Preparar juntamente com os estagiários trabalhos teóricos e práticos voltados para o ensino da análise linguística em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

As sugestões apresentadas pelos participantes da pesquisa evidenciam a necessidade de o professor de estágio explicar o conteúdo com uma linguagem mais clara e introdutória para, só então, solicitar que os estudantes realizem apresentações sobre o conteúdo, ministre as regências na escola. Além disso, possibilitar um número maior de atividades práticas para que possam compreender a diferença entre a AL e o ensino tradicional de gramática, já que apenas o estudo de teorias e apresentações de seminários são insuficientes para compreender como efetivar a AL conforme pontuado por teóricos de referência, pela BNCC, com foco na integração dos eixos leitura, produção de texto e oralidade, sendo a AL o fio condutor das análises.

De acordo com a BNCC, o ensino de língua portuguesa deve contemplar esses quatro eixos, contudo, constata-se que os estudantes do estágio I e II apresentam dificuldade em contemplar a AL sem recair no modelo de ensino de gramática contextualizado usando o texto como pretexto. Isso ocorre pelos seguintes fatores: desconstrução do modelo tradicional; falta de aprofundamento no ensino dessa prática na universidade, a falta de compreensão e entendimento do papel da análise linguística ao ponto de não consolidá-la em sala de aula com autonomia e segurança.

Considerações Finais

Os documentos oficiais que normatizam a educação básica, tais como BNCC e PCN, asseguram que o ensino de Língua Portuguesa deve contribuir com a formação de um estudante que compreenda o funcionamento da linguagem e a utilize em qualquer situação comunicativa. E de acordo com os estudos linguísticos, o ensino tradicional, ainda predominante nas escolas, não atende essa finalidade, devido seu caráter descontextualizado e distante da realidade dos estudantes. Já a AL colabora com a formação de cidadãos que fazem uso da linguagem de maneira reflexiva. Disso decorre a sua importância no contexto de formação de professores de Língua Portuguesa, sobretudo, nos componentes curriculares de estágio supervisionado.

Os dados dessa pesquisa apontaram que a AL, mesmo sendo considerada uma abordagem competente e que se sobressai à tradicional, ainda é vista como um desafio para os licenciandos em Letras, tendo dificuldade tanto em defini-la como também em

executá-la. Tal dificuldade evidencia a importância de se enfatizar, desde as disciplinas linguísticas que antecedem o estágio supervisionado, os seguintes pontos acerca da AL: o que é? Qual o seu objetivo? Como realizá-la com propriedade sem cair na armadilha do ensino tradicional? Além disso, demonstrar por meio de atividades práticas que a AL não elimina a gramática, apenas propõe outra forma de trabalhá-la.

Os dados revelam que os professores em formação inicial do estágio II têm menos dificuldades com a prática da AL, apresentando uma compreensão maior desse eixo, em relação aos graduandos do estágio I. Pode-se depreender que o professor formador focaliza o ensino de AL desde as primeiras interações no estágio I, por discussões, orientação para elaboração de planos de aula, construção de atividades e exemplos de práticas de AL.

A partir dos dados, é possível afirmar que a dificuldade de ensinar AL está ligada, também, ao fato de que alguns professores em formação inicial até conseguem identificar o recurso expressivo com o qual poderia abordar a AL a partir do texto, porém no momento da construção de atividade de metalinguagem para a realização de microaulas, voltam para o ensino tradicional pautado nas questões de classificação, identificação da gramática normativa.

Entendemos que a prática de AL não é um desafio apenas para os graduandos em Letras, como também para os professores de Estágio Supervisionado, pois, como apresentou os escores, a formação de alguns respondentes e informantes no ensino fundamental e médio foi totalmente fundamentada no ensino tradicional de gramática, ou, como evidenciou um informante, sua formação na educação básica não teve o Português como primeira língua, o caso de indígenas que cursam letras. Diante disso, o conhecimento da turma é de grande importância para direcionar a condução das aulas de AL nos estágios.

Tomando as dificuldades apresentadas como generalização de dados, esta pesquisa possibilita aos professores formadores a ciência dos principais problemas relatados por estagiários no manejo da AL. E, com base nisso, poderão fortalecer suas práticas na universidade e nas orientações nas escolas, por discussões, aprofundamento nas exemplificações, na elaboração de planos de aula e atividades situadas, com foco na interação, nas condições de produção dos textos/discursos. Nesse passo, é importante conscientizarmos os professores em formação inicial de que a AL é o leme das práticas de linguagens que poderá conduzir os seus interlocutores (alunos do ensino fundamental

e médio) pelo desvendamento da tessitura construída por diversos recursos linguísticos cristalizados nas atividades sociais, reproduzidos nos espaços escolares, visto que a escola é (ou deveria ser) um simulacro da realidade adjacente, sobretudo.

Referências

- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARAÚJO, M. A. F. de; SARAIVA, E.; SOUSA FILHO, S. M. de. Análise de um livro didático de Língua Portuguesa: Ensino tradicional de gramática versus gêneros discursivos e análise linguística. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 60, n. 1, p. 268–281, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8659728>. Acesso: 16 jun. 2023.
- BAGNO, M. Os objetivos do ensino de língua na escola: uma mudança de foco. In: COELHO, Lígia M. (Org.). *Língua materna nas séries iniciais do Ensino Fundamental*. 2009, p. 157-171.
- BAKHTIN, M. M.. *Estética da criação verbal*. 6 ed. São Paulo: Editora MWF Martins Fontes, 2011.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: Ministério da Educação, 1998.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- FRANCHI, C. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n.9, p.5-45, 1988.
- GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino do português. In: GERALDI, J. W. (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997, p. 39-46.
- GERALDI, J. W. *Atividades epilinguísticas no ensino da língua materna*. Atas do SIELP/V FIAL: Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa, Fórum Ibero-Americano de Literacias, 2016, p. 12-22.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MENDONÇA, M. R. S. Análise linguística: refletindo sobre o que há de especial nos gêneros. In: SANTOS, C.F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M. C. B. (orgs.). *Diversidade textual: os gêneros na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.73-88.

SILVA, W. R. *Estudo de gramática no texto: demandas para o ensino e a formação do professor de língua materna*. Maringá: Eduem, 2011.

SILVA, W.R; PEREIRA, Bruno G. Estágio Supervisionado como componente curricular catalisador de saberes na formação inicial do professor. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 10, n. 1, p.146-165, jan.\mar. 2016.